

ROMPENDO CINQUENTA ANOS DE OSTRACISMO

ROMPIENDO CINCUENTA AÑOS DE OSTRACISMO

BREAKING FIFTY YEARS OF OSTRACISM

DOI: <https://doi.org/10.9771/gmed.v14i2.51034>

Filipe Leite Pinheiro¹

A entrevista que as leitoras e os leitores verão a seguir foi concedida por Octávio Brandão (1896-1980) em 1977, já nos últimos anos de sua vida, ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro. Para além da narrativa heroica dos feitos políticos e intelectuais do autor, percebe-se em seu relato certo tom de ressentimento, sobretudo quando trata dos anos que sucedem a fundação do Partido Comunista Brasileiro (PCB). É nesse período que ocorre a controvérsia com Astrojildo Pereira, que resulta nos cinco anos de ostracismo e em seu afastamento do núcleo dirigente do PCB, acontecimentos que iriam marcar definitivamente sua trajetória de vida.

Resultado do esgotamento do ciclo de greves ocorrido entre 1917-1921, o PCB seria fundado, em 1922, a partir de uma cisão entre “bolchevistas” e “anarquistas puros” no movimento sindical. Sem ter qualquer tradição marxista ou socialista estabelecida, e muito menos uma cultura política burguesa pujante, para dialogar, os militantes anarquistas emulam os métodos organizativos bolcheviques vitoriosos na Revolução Russa.

Não seria diferente para Brandão, que encarna a trajetória típica de seus pares. Nascido em Viçosa/AL em 12 de setembro de 1896, conhecida região canavieira ao centro de Alagoas, situava-se nas proximidades do Quilombo dos Palmares, e sua paisagem e sua gente serviram de inspiração para romances do colega de classe no primário, Graciliano Ramos. O realismo de sua trajetória poderia facilmente pertencer aos romances de Graciliano, e sua chegada ao marxismo e ao comunismo traz as marcas de uma visão de mundo fundada teoricamente no positivismo e politicamente no anarquismo.

Tendo vindo fugido para o Rio de Janeiro, em 1919, após ter sua morte encomendada a um pistoleiro local por conta de sua militância anarquista, Brandão trouxe em sua bagagem o manuscrito de *Canais e lagoas* ([1919] 2001) para publicação. Claramente inspirado pelo estilo literário de Euclides da Cunha, o livro descreve a terra e a gente das lagoas de Manguaba e do Mundaú, em Maceió, trata de aspectos geológicos, botânicos, antropológicos e sociais que envolvem a terra e a gente que vive na região.

Em terras cariocas, sua aproximação ao PCB seria um processo tortuoso: a adesão ao partido estaria hipotecada à constatação de que a crise do segundo ciclo de greves resultou das debilidades organizativas do anarcossindicalismo. Era preciso uma forma organizativa capaz de enfrentar os métodos policiais empregados pela burguesia, e a forma encontrada foi um partido organizado nos moldes do bolchevismo. Ao ingressar no PCB, Brandão foi designado por Astrojildo Pereira para as tarefas de formulação teórica, elaborando uma defesa do movimento comunista internacional, com a primeira tradução brasileira de *O manifesto comunista*, e também da Revolução Russa, com a redação de *Rússia proletária* (1923).

No entanto, o maior mérito da contribuição de Brandão é o fato de que o autor avança em uma interpretação marxista da realidade brasileira que serviria como fundamento para as formulações do II Congresso do PCB, em 1924. Em *Agrarismo e industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil - 1924* ([1926] 2006), Brandão coloca a contradição agrarismo *versus* industrialismo como elemento determinante do desenvolvimento brasileiro ao longo da última década da Primeira República. As idas e vindas do deslocamento pendular do país em torno deste eixo seria a disputa entre o imperialismo estadunidense e o imperialismo britânico, aberta após a Primeira Guerra mundial. Enquanto o domínio do imperialismo estadunidense suscitava o desenvolvimento de uma burguesia industrialista e liberal, o domínio do imperialismo britânico tendia a bloquear este desenvolvimento, em favor da burguesia agrarista cuja maioria dos integrantes era de cafeicultores conservadores.

Em meio a esta disputa, encontra-se uma numerosa pequena-burguesia rural e urbana que demanda a melhoria de sua situação econômica e maior participação política. No plano econômico, há o processo de proletarização desta fração de classe através do aumento do custo de vida, como resultado das sucessivas desvalorizações cambiais para garantir a renda de exportação dos cafeicultores. Já no plano político, há a desilusão da pequena-burguesia em obter melhorias pelos canais políticos, diante da baixa permeabilidade do sistema político democrático às demandas dos diversos setores sociais. A frustração da via reformista leva à radicalização da pequena-burguesia, perceptível nos levantes Tenentistas de 1922 e 1924 – o segundo conflagrado em uma revolta nacional com a Coluna Prestes.

Isto faz com que o conteúdo da revolução brasileira seja identificado por Brandão como democrático-burguês, antifeudal e anti-imperialista. Suas principais forças motrizes seriam a burguesia industrial liberal e a pequena-burguesia radicalizada. Trata-se de uma revolução democrática pequeno-burguesa, como Brandão denominou em sua contribuição ao II Congresso do PCB, publicada como apêndice do estudo de Michel Zaidan (1985) sobre o primeiro PCB. O proletariado deveria se inserir nesse

processo e pauta-lo, radicalizando a pequena-burguesia, e fazendo este processo adquirir conteúdo socialista. A revolução democrática pequeno-burguesa aparece não como etapa do processo revolucionário, mas como sua antessala, retirando entraves às lutas de classes.

Embora relativamente bem fundamentada em uma análise da realidade brasileira, a tese polêmica proposta por Brandão e seguida pelo PCB em seu primeiro ciclo político, seria o principal motivo para o autor ser posto no ostracismo não somente por cinco anos, mas pelos aproximadamente cinquenta anos que lhe restariam de vida. A partir do VI Congresso da Internacional Comunista, com o início do processo de estalinização dos PC's, a Internacional interromperia um período de saudável negligência com o PCB, para intervir diretamente em sua linha política e seu núcleo dirigente.

Esse processo culminaria na controvérsia entre Brandão e Astrojildo, que mesmo tendo concordado com a linha proposta por Brandão, responsabilizou-o pelos desvios pequeno-burgueses que a III Internacional identificava no PCB. Além disso, Astrojildo contribuiu abertamente para que o nome de Octávio Brandão fosse ocultado da história do partido, quando, por exemplo, em seu *A formação do PCB – 1922-1926* ([1962] 2014) apresenta a tese de Brandão como equivocada sem contextualizá-la devidamente e sem fazer qualquer menção ao nome do seu formulador. A contrariedade de tais formulações à linha da revolução imediata à época defendida pela III Internacional impôs a Brandão o afastamento do núcleo dirigente do partido, a “autocrítica” e o ostracismo.

Falecido em 1980, após realizar ao menos cinco autocríticas – para além do período de 1930-35, em 1938, em 1954 e em 1956, no texto “Uma etapa da história de lutas”, publicado como apêndice da reedição de *Agrarismo e industrialismo* – Brandão nos deixou sem que seu legado político e teórico recebesse o devido reconhecimento. Desse modo, é um personagem apagado não somente da história oficial do Partido, mas também da história do pensamento social brasileiro de um modo geral. Talvez pudéssemos falar em cinquenta anos de ostracismo, não apenas em cinco, como autor se refere ao seu período de isolamento após o afastamento do núcleo dirigente do PCB.

A publicação e divulgação de materiais, entrevistas e estudos sobre a obra do autor se faz uma tarefa intelectual e política de extrema necessidade para a retomada dos debates sobre a Revolução Brasileira, como podemos constatar em algumas publicações recentes. Como notam Moraes (2006) e Costa (2014), sobretudo a partir dos anos 1980, com o papel desempenhado pela classe trabalhadora no processo de redemocratização do país, e com a consolidação de arquivos com amplo acervo sobre o movimento operário do princípio do século XX – como é o caso do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) – surge uma abundante literatura sobre o tema, com trabalhos como, por exemplo, os de Dulles (1977), Konder (2009), Zaidan (1985), dentre outros. Uma nova safra da trabalhos se inicia no decurso dos anos 1990, com a publicação da coleção *História do marxismo no Brasil* em seis volumes, que deu força a diversos trabalhos sobre o tema, tais como Moraes (2007), Silva (2014) e Batalha (2014), reeditada pela editora da Unicamp nos anos 2000. Vale destacar também a iniciativa da editora da UFAL em republicar *Canais e lagoas* e da editora Anita Garibaldi em lançar nova edição de *Agrarismo e industrialismo*. Por último, alguns

artigos também têm o propósito de resgatar teoricamente o trabalho de Brandão, tais como: SILVA, 1997; BIANCHI, 2012; MORAES, 2014; LACERDA, 2015 e 2019; PINHEIRO, 2017 e 2018. Tais esforços se somam à presente iniciativa do Comitê editorial da revista *Germinar*.

Referências

- ANTUNES, Ricardo. Os Comunistas no Brasil: as repercussões do VI Congresso da Internacional Comunista e a primeira inflexão stalinista no Partido Comunista do Brasil (PCB). **Cadernos do AEL**, Campinas, n.2, p.12-34, 1995.
- BATALHA, Mário. A difusão do marxismo e os socialistas brasileiros na virada do século XIX. In: MORAES, J. Q. (org.) **História do marxismo no Brasil**, v.2 – Os influxos teóricos. Campinas: Ed. Unicamp, 2014. p.9-42.
- BIANCHI, Alvaro. Octavio Brandão e o confisco da memória: nota à margem da história do comunismo brasileiro. **Crítica marxista**, São Paulo, n. 34, p.133-149, 2012.
- BRANDÃO, Octávio. **Canais e lagoas**. Maceió: Edufal, [1919] 2001.
- BRANDÃO, Octávio. **Combates e batalhas**. Memórias, v.1. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.
- BRANDÃO, Octávio. **Rússia Proletária**. Rio de Janeiro: Voz Cosmopolita, 1923.
- BRANDÃO, Octávio. **Agrarismo e industrialismo**: ensaio marxista leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil – 1924. 2 ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2006.
- BRANDÃO, Octávio. O proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa. In: ZAIDAN, M. **PCB (1922-1929)**: na busca das origens de um marxismo nacional. São Paulo: Global, [1928] 1985. p.121-132.
- BRANDÃO, Octávio. Uma etapa da história de lutas. In: BRANDÃO, Octávio. **Agrarismo e industrialismo**: ensaio marxista leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil – 1924. 2 ed. São Paulo: Anita Garibaldi, [1957] 2006. p.189-196.
- DULLES, John Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira [1974] 1977.
- KONDER, Leandro. **A derrota da dialética**: a recepção das ideias de Marx no Brasil, até o início dos anos trinta. Rio de Janeiro: Campus, 2009.
- LACERDA, Felipe Castilho de. **Octávio Brandão e as matrizes intelectuais do marxismo no Brasil**. Cotia: Ateliê Editorial, 2019.
- LACERDA, Felipe Castilho de. **A Transição de Octávio Brandão ao Marxismo**: os livros Canais e Lagoas e Rússia Proletária. In: XXVIII Simpósio Nacional de História (anais), 2015.
- MORAES, J.Q. Octávio Brandão. In: PERICÁS, L. B.; SECCO, L. (org.). **Intérpretes do Brasil**: clássicos, rebeldes e renegados. São Paulo: Boitempo, 2014. p.13-28.
- MORAES, J. Q. A influência do leninismo de Stalin no comunismo brasileiro. In: MORAES, João Quartim; REIS Filho, Daniel Arão (org.). **História do marxismo no Brasil**, v.1 – O impacto das revoluções. Campinas: Ed. Unicamp, 2007. p.47-88.
- PEREIRA, A. **A formação do PCB – 1922-1926**. 3. ed. São Paulo: Anita Garibaldi, [1962] 2012.
- PINHEIRO, Filipe Leite. **Sobre o marxismo e a interpretação do Brasil de Octávio Brandão**. XII Congresso Brasileiro de História Econômica, Niterói, agosto de 2017. Disponível em: <https://www.abphe.org.br/uploads/ABPHE%202017/32%20Sobre%20o%20marxismo%20e%20a%20interpreta%C3%A7%C3%A3o%20do%20Brasil%20de%20Oct%C3%A1vio%20Brand%C3%A3o.pdf>.

PINHEIRO, Filipe Leite. As origens da controvérsia da revolução brasileira: um debate entre Octavio Brandão, Mario Pedrosa e Lívio Xavier. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, Niterói, n.51, p.98-120, set.-dez. 2018.

SILVA, Ângelo José da. Agrarismo e industrialismo: uma primeira tentativa marxista de interpretação do Brasil. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n.8, p.43-55, 1997.

SILVA, Ângelo José da. Tempo de fundadores. In: MORAIS, João Quartim; DEL ROIO, Marcos (org.). **História do marxismo no Brasil**, v. 4 – Visões do Brasil, 2014. Campinas: Ed. Unicamp, 2000. p.135-159.

ZAIDAN, M. **PCB (1922-1929):** na busca das origens de um marxismo nacional. São Paulo: Global, 1985.

Notas

¹ Doutor em Economia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor do departamento de Economia da UFF e pesquisador do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas Sobre Marx e o Marxismo - NIEP-Marx/UFF e do Coletivo Marxistas da Rural (MAR) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9327457623447892>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1861-9827>. E-mail: leitepn@gmail.com.

Recebido em: 08 de ago. 2022

Aprovado em: 28 de ago. 2022